



PREÂMBULO VI - DECIFRAR ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO

“É por isso que digo: que tanto no que o analizante diz como no que o analista diz só há escrita” J. Lacan Sem XXV, *O momento de concluir*, 1977

A psicanálise nasce quando Freud, sob a influência de Charcot¹, abandona suas atividades científicas, para uma abordagem da histeria que revela sua natureza de linguagem e sua natureza de prazer sexual, já antecipada por outros autores antes de Freud.

Se um sintoma pode ser produzido em uma paciente através dos ditos do hipnotizador, e feito para terminar pelos mesmos ditos, é inevitável concluir que nos seres humanos há sintomas efeito da linguagem. O que interessa a Freud não é tanto produzir, ou melhor, deve-se dizer, impor "novos sintomas" como o hipnotizador faz, mas sim esclarecer ditos que já estão ativos há um tempo considerável nos sintomas do paciente, como efeito de sua entrada no banho de linguagem no Outro.

Isto implica que há algo (in)escrito em sua psique além de seu eu e além de seu controle. Em outras palavras, há algo inconsciente que é ativo e que causa formações diferentes: como sintomas no sentido de mal-estar, lapsus, sonhos... mas não só isso; na verdade, até mesmo o mesmo eu com o qual o sujeito está satisfeito tem uma estrutura de sintoma. Para Freud há, portanto, uma "istorização primordial" inconsciente, que deve ser possível reescrever.

Mas como inconsciente não é diretamente decifrável, como a Pedra de Roseta. E como já dissemos, Freud nem sequer quer "sobrescrever" segundo os valores do hipnotizador como muitos psicólogos e alguns terapeutas querem fazer também nos nossos dias, o que ele quer é que um funcionamento do sujeito seja restaurado em sincronia com aspirações inconscientes, desejos, pulsões e amores do próprio paciente.

¹ Em 1886 é publicado a tradução de *Novas lições sobre as doenças do sistema nervoso*. De J. M. Charcot.

Para isso, ele só tem um meio: a palavra de seus pacientes. A histérica ensina-lhe a ouvir as suas palavras e assim abrir todas as complexidades da relação entre oral e escrito e vice-versa e que são apanhadas desde seus primeiros casos analíticos, já em 1895 como mostrado em "O sonho da injeção de Irma"². Esta é uma questão que atravessa toda a história da psicanálise e também outros campos do conhecimento: linguística e outras esferas culturais, mesmo no mundo anglo-saxão. Leia Walter Ong e sua "Oralidade e Escrita. As tecnologias da palavra"³ e sua influência nas teorias da comunicação.

Usando a palavra e apenas a palavra, o analista não descodifica diretamente o inconsciente como fez Champoillon com a Pedra de Roseta, no entanto, mesmo este último não conseguiu chegar à solução até que ele percebeu que havia sinais que representavam não as coisas, mas os sons. Da mesma forma para Freud foi necessário diferenciar a *Sachwostellung*, representação de coisa (de natureza visual) segundo ele único que existe no inconsciente e segundo Lacan convertido em a-coisa a partir da letra, lado real, e a *Wortvorstellung* (de natureza acústica) do sistema pré-consciente-consciente. Em seguida, a questão da articulação oral-escrita é revelada simultânea à articulação do modo de operação da palavra consciente sobre "a-coisa inconsciente".

Freud estabelece duas regras no fazer psicanalítico: a livre associação do analisante. e a atenção flutuante do analista. Ambos fazem sem a "ilusão comunicativa" das palavras. Isto significa parar de tratar o significante como um sinal, e levar em conta a polissemia e até mesmo a polifonia, desconsiderando a precisão comunicativa, ouvindo o significante e sua produção de significado, bem como a busca da verdade sempre efêmera. Mas isso leva a análise a tornar-se interminável e que dificilmente escapa aos efeitos da sugestão e dos rearranjos dos semblantes não alcançando assim o real. Freud vem como um limite para a rocha da castração e da morte que alimenta a repetição do mal.

Será Lacan quem formulará como necessário apontar para um além desses semblantes, além do muro que se levanta diante do real. Consciente de que a ciência opera transformações no além com o uso dessas "pequenas letras", segundo sua expressão no Seminário VII sobre a ética⁴.

Ele deduz que a interpretação analítica deve também apontar para aquele além do amor através da letra, no lugar da conjunção de gozo com o real. Mas não sem interpretação do significante, antes através dela. O mal-entendido desempenhará aqui um papel fundamental, no qual a letra é essencial, mesmo que seja muda como um H. De outra forma, como poderia o "pas de sens" servir de referência? como na piada dos bascos que leram na parede: "aceros inoxidables" (aços inoxidáveis) e sentiram-se chamados pelo imperativo: "Haceros inoxidables" (Torne-se inoxidável!), trocando assim a rigidez do ferro pelo fervor da ação. Percebe-se que "a psicanálise não será sem a escrita" na expressão de C. Soler.⁵

² Freud S., (1899), O sonho da injeção di Irma in *A interpretação*, in Obras Completas, Vol. V, Rio de Janeiro, Imago.

³ Ong Walter J., *Oralità e scrittura. Le tecnologie della parola*, Il Mulino, 2014.

⁴ Lacan J., *Il seminario Libro VII, L'etica della psicoanalisi*, 18 maggio 1960, Einaudi, 1994, p. 299.

⁵ Soler C., *La psychanalyse n'est pas sans l'écrit*, Revue Champ Lacanien 2011-2, n.10.

Assim, a atenção flutuante do analista deve servir para permitir-lhe "ler na escuta" e assim atravessar o campo da interpretação significativa para intervir na cifragem-decifração permanente do inconsciente, o incansável intérprete.

Josep Monseny Bonifasi

Comissao scientifica: Rosa Escapa, Francisco José Santos Garrido, Isabela Grande, Zehra Eryörük, Orsa Kamperou (secrétaire), Paola Malquori, Colette Soler, Natacha Vellut.

www.champlacanien.net et www.forumlacan.it/iv-convegno-europeo-if-epfcl/